



Universidade Federal do Rio Grande – FURG
Instituto de Educação
Núcleo de Pesquisa e Extensão Educação e Memória
Redes de estéticas, culturas e formação na/da cidade – RECIDADE

V SEMINÁRIO INTERFACES PEDAGÓGICAS: LICENCIATURAS EM DIÁLOGO **Cidade & Escola: formação, transformação e cidadania**

CIRCULAR nº 01

O Seminário Interfaces Pedagógicas: Licenciaturas em Diálogo em sua quinta edição traz para o centro de suas discussões **Cidade & Escola: formação, transformação e cidadania**. O tema tem estado presente em todas as edições anteriores e em trabalhos educativos deste coletivo realizados há mais de uma década na FURG. Este ano, porém, ele é destacado por algumas razões, de modo especial pela crise política, ética e institucional que ora atravessamos no Brasil com desdobramentos em toda a vida social, o que exige alguns posicionamentos.

O tempo contemporâneo destaca sem disfarces intensas lutas de classe.

Os movimentos no Brasil a favor de “nenhum direito a menos” são aulas bem didáticas de que polaridades foram acirradas. Direitos de trabalhadores são apresentados como impedimentos à modernidade, quando, esses direitos é que constituem sinais de uma sociedade avançada e não o contrário (como bem pontuou o magnífico reitor da UFJF, em pronunciamento que circulou na *web*, recentemente). É o cuidado que o Estado e o conjunto da sociedade dispensam a quem constrói o país e aos que menos podem que serve de parâmetro de “avanço”. Entretanto, uma avalanche de desmonte das bases que vem sustentando a educação, o trabalho, a previdência social, o cuidado e acesso à terra (inclusive de povos tradicionais), à moradia, a emancipação de mulheres, jovens e crianças, o respeito a diferença e à diversidade ameaçam jogar no “lixo” da história, lutas seculares.

Embora o fenômeno possa ser entendido como mais uma crise do capital globalizado, é no Brasil que estamos; aqui vivemos e é daqui que observamos e “lemos” o mundo. Neste momento uma história de insegurança espreita o cotidiano; o medo e a desconfiança ganharam mais evidência nas relações sociais e nossos movimentos perderam um pouco da espontaneidade brincalhona dos passos incertos no simples exercício de deambular. A face do outro, seus olhos, a alteridade que se produz na corporeidade da trivialidade do encontro nas ruas da cidade escapa-nos e/ou se abriga nas telas de maquinarias. Para muito além do caráter subjetivo que pouco a pouco, intervém na produção de novas sociabilidades - mais áridas e pouco chegadas à solidariedade - é nítida a criminalização crescente de tudo aquilo que foge ao padrão, à norma ou convenção elitista. A pobreza é uma delas, e ser pobre é estar

na mira de ódios, desprezos, desrespeitos. “Os pobres, longe de fazer jus a cuidado e assistência, merecem ódio e condenação [...]” (BAUMAN, 1998, p. 59)¹.

Cresce também o preconceito e a cultura do “vale quanto pesa” inerente ao liberalismo contemporâneo, comprometido com a ética da exploração e da acumulação. E a educação escolar e os profissionais professores são duramente atacados, porquanto constituírem-se em empecilhos na condução de um ensino voltado aos ditames do Mercado e dos “novos” conservadorismos. Reforma do Ensino Médio, Escola sem Partido, terceirização de docentes e “notório saber” são alguns exemplos desse projeto que precariza ainda mais o trabalho docente e aumenta as disparidades entre crianças e jovens segundo sua condição econômica.

Nesses contextos, qual é mesmo o papel da Universidade e, em especial, da formação de professores? Pressionada pelos interesses mercantis associados a grandes oligopólios (especialmente os transnacionais) a instituição também sofre uma crise que a pressiona a envolver-se com iniciativas do setor privado o que pode gerar um afastamento da produção de conhecimentos socialmente relevantes, ou seja, de interesse público. Nesta direção reafirmamos o compromisso com a educação pública como base de qualquer projeto de sociedade democrática. São os espaços públicos que podem dar forma a uma “capilaridade educativa”² em que professores sejam participantes ativos junto com outros atores sociais da formação de crianças e jovens. Nessa capilaridade toda cidade e grupo social é espaço e tempo educativo: praças, parques, museus, bairros, movimentos sociais, coletivos, associações, escolas, etc.

A relação cidade e escola necessita ser intensificada levando-se em conta a impossibilidade de continuarmos a pactuar com formas assimétricas de cidadania, contidas na apartação, em sentimentos de inferioridade, nas políticas espoliativas e desumanizadoras, na imposição de modos únicos de pensar. Nesta perspectiva defendemos uma cidadania baseada no bem comum, “uma cidadania guerreira a favor de outros desfavorecidos, estejam eles onde estiverem” (ESTEVÃO, 2006)³. E nesse desafio é fundamental a parceria entre cidade e escola, pois pode favorecer novos apoios, pactos e responsabilidades ao ato de educar e estimular a escola “se definir como um espaço público, democrático, de participação, funcionando em ligação com as redes de comunicação e de cultura, de arte e de ciência” (NÓVOA, 2009, p. 226)⁴.

Sabemos que escolas da cidade e do campo⁵ já possuem trabalhos que favorecem essa articulação, assim como são muitas as iniciativas educativas da cidade que merecem ser visibilizadas e potencializadas, e a quinta edição do evento Interfaces Pedagógicas quer servir de mediador dessas experiências e vivências e terá muito prazer em acolhê-las em nossa instituição. Desejamos conhecer propostas, atividades,

¹ BAUMAN, Zygmunt. **O mal estar da pós-modernidade**. Tradução de Mauro Gama. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

² NÓVOA, António. Diversidade e complexidade dos Espaçostempos da formação de professores. **VL ENALIC/ V Seminário Nacional do PIBID**. Conferência. Curitiba, dez. 2016. (anotações livres).

³ ESTEVÃO, Carlos V. Formação de educadores numa perspectiva crítica e emancipatória. In: SILVA, Ainda Maria Monteiro et all (Orgs.). **Políticas educacionais, tecnologias e formação do educador: repercussões sobre a didática e as práticas de ensino**. Recife: ENDIPE, 2006, p. 185 – 195.

⁴ NÓVOA, António. Os professores e o “novo” espaço público da educação. In: TARDIF, Maurice; LESSARD, Claude. (Orgs.). **O ofício de professor: histórias, perspectivas e desafios internacionais**. 3. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009, p. 217-233.

⁵ Consideramos que cidade e campo não estão em oposição, mas avaliamos que o modo urbano de pensar/existir extrapola o território da cidade.

movimentos de professores, estudantes, coletivos, grupos de pesquisa e extensão, da cidade e do campo, posto que em tempos de lutas em prol da cidadania, nenhum conhecimento pode ser desperdiçado ou invisibilizado. Proposições de mesas, painéis, mostras, performances, narrativas de pesquisas e experiências refletidas serão muito bem vindas e servirão de suporte a debates e ao fortalecimento da construção/valorização da profissão professor, do reconhecimento da escola como espaço produtor de conhecimento e da expansão da educação para além dos muros institucionais. **Formação, transformação e cidadania** é projeto político, pedagógico, intencional e contínuo e ocorre todos os dias no coração das cidades.

Rio Grande, maio de 2017.

Vânia A. M. Chaigar
P/Comissão Organizadora